

Serra Pelada, uma ferida de ouro aberta na selva

# Adeus, em abril começa tudo de novo

Texto de RICARDO KOTSCHO  
Fotos de JORGE ARAUJO  
Enviados especiais a Serra Pelada

Domingo. O hasteamento da Bandeira, os hinos, a fala do coordenador, o mutirão do lixo, caminhões levantando poeira, levadas de garimpeiros andando de um lado para outro, em silêncio, fazendo filas no comércio e nas barbearias; entupindo as farmácias para tomar o coquetel que move a máquina humana de Serra Pelada: uma superinjeção de vitamina C, glicose, complexo B, Energizan e antibióticos para combater a infecção das vias respiratórias.

As filas também já são grandes, às oito da manhã, na rodoviária de Serra Pelada, junto à gurita da Polícia Federal, de onde partem os caminhões pais-de-arara que levam os garimpeiros de volta ao Brasil do outro lado da cerca de arame farpado.

Uma fila é para passar pela revista da Polícia Federal, encarregada de impedir a evasão do ouro do garimpo, que deve ser todo vendido à Caixa Econômica Federal. A outra é formada pelos furões, os garimpeiros não registrados, tentando conseguir uma autorização provisória, válida por 120 dias, que lhes permita voltar em abril, quando Serra Pelada deve ser reaberta, depois das obras e das chuvas.

O agente da federal informa que estão saindo 2.200 garimpeiros por dia e entrando apenas 120. A maioria vai para Marabá, no Pará, e Imperatriz, no Maranhão, os dois centros urbanos que mais se desenvolveram em função do garimpo. Mas os caminhões cobertos de lona, alguns até com bancos estofados, servem também localidades como São Domingos, Brejo Grande, Palestina, Araguaínas, Tocantinópolis, Xinguaçu, Açailândia, Porto Franco, Ananás e Mucubá. A viagem mais cara, para Ananás, custa Cr\$ 6.000. Em cada caminhão — todos estão saindo lotados neste domingo — cabem de 90 a 100 pessoas.

No fim da fila, um velho dono de barranco, que lembra o falecido Mazarropi, me explica: "Com o que eu já ganhei aqui, poderia estar na frente da fila. Mas aqui são todos iguais. Quem ganhou Cr\$ 500 mil e quem ganhou Cr\$ 500 milhões". É verdade: todos respeitam a fila, num silêncio de missa e disciplina de colégio militar.

*"Se continuar todo mundo indo pro garimpo, quem produzirá comida?"*

A meu lado, no caminhão, senta-se um gaúcho de Nova Friburgo, Gumercindo Lourenço Zanonato, 58 anos, 5 filhos, que veio para a Amazônia em 73 pensando em lidar com serraria e está desde o ano passado em Serra Pelada, onde tem sociedade em três barrancos. O que passará na cabeça destes homens no momento da partida, depois de tanta incerteza sobre o destino de Serra Pelada?

Zanonato só vê uma solução: a Caixa Econômica Federal financiar as obras de rebaixamento das encostas da cava e depois descontar uma porcentagem sobre a produção de ouro dos garimpeiros. Para ele, o governo simplesmente não teve outra saída a não ser recuar na sua decisão de fechar o garimpo, "porque não ia ter coragem de jogar mais 80 mil homens no pacote do desemprego".

Se um bamburrado, este gaúcho deu-se bem no garimpo. Mesmo assim, ele comenta que o governo já gastou muito dinheiro em Serra Pelada em troca de muita mão-de-obra perdida. "Se cada um desses homens tivesse plantado um alqueire esse ano, nós teríamos 80 mil alqueires produzindo alimentos, certo? Em cinco anos, 400 mil alqueires... Dava para matar a fome do Brasil. Eu mesmo estou no garimpo, mas não deixo de plantar arroz, ter meu gado. Produzo para mim e para mais alguém. Se continuar todo mundo indo pro garimpo, quem é que vai produzir comida? Ninguém come ouro..."

No seu caderno de apontamentos, Zanonato anotou que seu pessoal só pôde trabalhar 27 dias e 3 horas este ano, "porque o garimpo vivia sempre interditado, até a Serra ser dos garimpeiros". Esta é a mesma queixa de Marinaldo Rodrigues da Silva, 40 anos, 2 filhos, maranhense de Santa Inês e há três anos meia-praça no garimpo.

"Até agora, ainda não deu para ganhar a vida. Quando muito, deu para pagar a passagem", diz ele. Apesar disso, o infício do próximo ano ele estará de volta, para "lavar melexete, ficar fequendo, os serviços possíveis fora da área da cava que estará em obras. Desde 73, ele trocou a lavoura pelo garimpo. "O garimpo, mesmo quando dá pouco, dá mais do que a roça. A gente emprega Cr\$ 1,5 milhão numa roça e, quando vai colher, só recebe Cr\$ 700 mil, fica só trabalhando para pagar o juro do banco".

Valdemar Souza de Santana, de Porto Franco, no Maranhão, 19 anos, vai passar esses meses de inverno trabalhando na roça do pai. Em abril ele volta. Estava há apenas cinco meses em Serra Pelada. "Por ora não ganhei nada ainda, só trabalhei pela comida, mas tenho esperança que no ano que vem vai dar certo".

*Depois da barreira policial, um clima de liberação geral*

Esperança é o que não falta neste caminhão de sonhadores chacoalhando serra abaixo, comendo poeira. Ninguém fala em desistir. Desistir para ir para onde? Antonio Vilaça Mendes, de Santa Rita, no Maranhão — "sou de 53, nem sei quantos anos dá" —, solteiro, entrou pela primeira vez em Serra Pelada no começo do ano como operador de máquinas da Mendes Júnior, a empreiteira que fez o último rebaixamento. Quando terminou o serviço, foi despejado e, sabendo que lá fora não iria ser fácil arrumar outro emprego, as obras todas paradas, resolveu ficar pelo garimpo mesmo. Em Serra Pelada, ganha de Cr\$ 7 mil a Cr\$ 8 mil por dia, o suficiente para comer. Vilaça está indo a trabalhar para ver se levanta o dinheiro

do PIS e volta em seguida. "Vou aguardar a outra firma entrar para pegar um serviço de operador. Assim, aguento até abril..."

Basta o caminhão chegar à gurita do km 16, onde acaba a estrada de chão e começa o asfalto, para mudar o clima no caminhão. É a senha para a liberação geral. Enquanto o caminhão aguarda autorização para atravessar a barreira, a mesma cena de sempre: um homem sem os membros inferiores é carregado num carrinho de mão em volta do caminhão, pedindo esmolas; uma jovem cega é guiada por uma criança para pedir ajuda também, quer operar as vistas. Todos, sem exceção, dão alguma esmola, como se fosse o pagamento de um pedágio. Se um não tem dinheiro, outro dá pelos dois.

"Vou embora", começam a gritar quando o caminhão dá outra parada logo no começo da estrada asfaltada da PA-150. Hora do xixi.  
— Aqui não é lugar de mijar, não.  
— Amarra esse pau, seu bifeado.  
— Deixa esse mijão para trás.  
— Você não tem carro fretado, não, desgraçado.

Parece uma leva de presidiários de volta à liberdade. O caminhão agora vira uma festa nos 14 quilômetros até o primeiro povoado, o Eldorado, no Km 2. Cachaca é a palavra que mais se ouve, os passageiros ficam todos indóceis, perdidos no deserto encontrando água.

— Vou mandar descer logo um litro de "88".

E assim foi. No Bar e Restaurante da Vilma, garrafas de pinga foram devoradas no gargalo e uma menininha de uns 12 anos, que servia, dois dentes de ouro na boca, passou a ser a mulher mais cobiçada do mundo. Ela nem se importava com os olhares e os comentários: é sempre assim, faz parte da vida naquele lugar.

*Políticos tentam fazer da Serra um trampolim para vôos mais altos*

Ninguém está mais feliz do que o vereador Antônio Guimarães da Silva, do PMDB, eleito com 245 votos em Aparecida, cidade a 20 quilômetros de Goiânia, que pediu licença logo depois de tomar posse para ganhar muito dinheiro em Serra Pelada e poder se candidatar a prefeito nas próximas eleições. Além dos Cr\$ 40 milhões que já levantou no garimpo, ele encontrou no Eldorado dois tatus para comprar, por módicos Cr\$ 5 mil cada um. É sua comida predileta: "A gente dá uma aferventada, depois assa no forno, hummm..."

O vice-prefeito e outros quatro vereadores tomaram o mesmo rumo de Silva, tentando fazer de Serra Pelada um trampolim para vôos mais altos na política. Ele calcula que pelo menos 30% dos donos de barrancos na Serra são políticos. Os do Maranhão são do PDS; os de Goiás, a maioria do PMDB e, os do Pará, está meio a meio. Quer dizer, até na divisão partidária dos barrancos, seguiu-se a proporção dos resultados das últimas eleições.

Silva já foi corretor de imóveis — trabalhou junto com Genésio Ferreira da Silva, o antigo dono de Serra Pelada, num escritório em Goiânia — e era dono do Bar e Lanchonete Saramandá Clube, antes de se tornar vereador e largar a Câmara para arrear o garimpo. Pergunto se ele não foi eleito para defender os interesses da sua cidade, de quem votou nele, se não teve problemas com o partido.

— É verdade, você me alertou para isso. Não tinha pensado nesse assunto antes. Sabe como é, eu ouvia os outros garimpeiros contando vantagem, a incentivação para vir foi grande. Modesto, Silva diz que ainda não pegou um bamburro, mas já havia contado antes ao fotógrafo Jorge Araújo que, um dia, em Marabá, bêbado, comprou um Voyage a álcool. Só que não gosta de Voyage e deu o carro de presente à filha. Agora, quer comprar um Opala. Além disso, o garimpo já lhe permitiu comprar um apartamento de Cr\$ 12 milhões, à vista, na sua cidade.

— Para mim, tá dando para pagar as despesas. Mas, no garimpo, tem muito sofrimento também. Gente que não arruma serviço, é uma miséria. Sorte que a maioria dos barrancos não nega comida prá quem tá com fome. Eu mesmo dei de comer essa semana a 12 camaradas porque o fornecedor deixou de dar dinheiro. Isso está acontecendo demais. Por isso tá havendo esse passa-passa de barranco, cara que tava gastando Cr\$ 1 milhão por dia, não achou ouro e saiu louco.

Na boléia do caminhão, fala-se de ouro, desgraças, mulheres e mortes, pensando no tatu assado. No pára-choque do caminhão que vai à frente, as preferências de um motorista exigente: "Me gustán las rubias de cabelos largos".



"O garimpo tem muito sofrimento também, gente sem serviço, uma miséria"



Na viagem, serra abaixo, ninguém fala em desistir, só na volta em 84



Perto da estrada, os pés do morto desconhecido escapam da cova rasa

## 'Mataram seis aqui na estrada e enterraram aí mesmo'

A 40 quilômetros de Marabá, o motorista José Elivaldo, cearense de Jaguaribe, há um ano fazendo a linha para Serra Pelada, fala que ali ao lado está enterrado numa valeta um homem com os pés de fora. Diante da minha incredulidade — "de julho para cá já mataram seis aqui na estrada e enterraram por aí mesmo" — ele pára o caminhão, sob os protestos gerais, para mostrar. Caminhando uns 100 metros pela mata à beira da estrada, Elivaldo vai contando.

— Meu caminhão quebrou aí na frente e eu deixei um vigia para tomar conta porque aqui tem muito assalto. Lá pelas sete da noite, o vigia ouviu três tiros. No outro dia de manhã, vimos o homem morto na beira da estrada. Ficou jogado ali três dias, até que a Polícia veio enterrar ele.

As chuvas destamparam a cova rasa e lá está: uma cruz de galhos apodrecendo junto a um par de botas. Ninguém sabe quem é. Ninguém sabe quem matou. Acerto de contas de pistoleiros, explica, candidamente, o motorista. Perto dali, vêem-se os escombros de um barranco.

— Isso aí era um barranco de mulheres que serviam de isca para chamar garimpeiros. Os bandidos ficavam escondidos no mato, roubam tudo deles. Aí a Polícia Federal derrubou o barranco.

Cinco quilômetros adiante, ao passarmos a ponte sobre o rio Sororó, o motorista José Elivaldo recorda outra história da estrada. Uma história antiga, do início dos anos 70.  
— Foi aí que pegaram aquela terrorista (o pessoal da região até hoje se refere assim aos que participaram da guerrilha do Araguaia) famosa, a Dina. Ela e uma companheira estavam no meio dessa mata, faltou alimento. Foram na casa de um caboclo para pedir para ele ir na cidade comprar alimento e também aquele negócio que chama modess, porque a Dina estava com problema de mulher. Marcaram um lugar com o caboclo mais para cima no rio. Mas, quando foi na hora, a polícia já estava esperando lá. O caboclo entregou elas. A Dina ainda tentou reagir, mas os soldados prenderam ela. Depois disso não sei dizer mais o que aconteceu.

Histórias de mortes e mistérios na beira da estrada, asfaltada só no ano passado. O vereador Silva e o motorista procuram mostrar ao forasteiro que a mata tem muitos segredos, lendas que não se descobrem de um dia para outro.

— Você sabia que o garimpo não fica em Serra Pelada? Ali onde tem o buraco era um outro morro, que nem nome tinha, o pessoal colocou por morro da Castanheira, por causa de umas árvores lá em cima. A Serra Pelada mesmo fica na fazenda do Pernambuco. No portão dos fundos, tem um cadeado que pesa seis quilos. Ninguém sabe quem tem a chave desse portão.

— Um dia, o Curió perguntou para o



Na "gurita", a mesma cena: aleijados à espera da esmola que não falha

César Cals se ele conhecia mesmo a Serra Pelada. Ele falou que conhecia. Aí o Curió perguntou quanto pesava o cadeado do portão. O César Cals não soube responder. Mas o Curió também não diz quem tem a chave. O pessoal acha que o Curió é que tem a chave...

Estamos de volta a Marabá. Um dos primeiros a apelar do caminhão é Jair Alves de Oliveira, de Ponte Nova, na Bahia, ainda lépido nos seus 83 anos, há mais de 30 vivendo só em garimpos. O ancio Jair veio só passar um pouco em Marabá. Volta amanhã mesmo para a Serra.

— Lá é a minha moradia, nunca casei, não tenho filhos e, depois que entrei na vida de garimpo, nunca mais vi os parentes. Meus irmãos tem eu como morto. Sou muito enrolado. Casar para que?

— Se o garimpo fechar? Não tem problema, a gente vê de outro jeito, vai prá outro garimpo. Se depender só de eu, só saio rico ou morto. Se eu bamburrar? Vou ficar quieto no meu canto, tratar da pobreza. Na idade que eu tô, não tem jeito de ter plano de tocar mais nada...

*No ponto de encontro de bamburrados, a boa caldeirada de tucunaré*

Entrada de Marabá: um enorme depósito de lixo, à direita; um circo, à esquerda; muito calor e poeira. Logo descobrimos um oásis para quem chega de Serra: o restaurante Bambu, famoso por fazer a melhor caldeirada de tucunaré da região, ar condicionado, meia luz, cerveja Cerpinha, "a melhor do Brasil", bem gelada. Não é à toa que esse é o ponto de encontro dos

bamburrados. Come-se como nos festins romanos dos filmes de Fellini, as mulheres não ficam atrás, bem tratadas até demais.

— O, "Paulista". Sobe aí que nós vamos pegar um churrasco dos bons, carne sem hormônio da fazenda de um amigo meu...

Mal acabamos de sair do restaurante, damos de cara com o Adão, o garimpeiro Benedito Evaristo, que veio a Marabá para dar um show à noite do circo, junto com seu parceiro Sonhador. E lá fomos nós almoçar de novo no covil dos garimpeiros bem sucedidos.

A casa é modesta, mas a mormomia é completa. Uisque, escocês, carne de fazer inveja a gaúcho. Mais um motivo para comemorar o que eles chamam "nossa grande vitória" — ficar na Serra. "Eu acredito tanto no garimpo como acredito no sonho", diz o entusiasmado Maromilson Martins Araújo, o Maron, 28 anos, solteiro, ex-bancário. Maron tinha certeza da vitória. Conta:

— Pelo menos cinco mil homens iam resistir lá na Serra. Primeiro, ia todo mundo ficar no serviço. Não iam abrir a Serra, deixar o que é nosso para os outros. Se jogassem bombas, iam morrer no serviço, cada um no seu barranco. Se fosse para tirar a gente, iam precisar de pelo menos dois para puxar cada um de nós.

Adão e Sonhador pegam as violas, não pára de rodar cerveja geladinha. E a gangorra inferno/paraíso dos garimpeiros. O sacrifício é grande, mas eles acham que compensa. Maron:

— Se um repórter chegasse pra gente naquele tempo e perguntasse: "O que é que vocês querem?", a resposta era uma só. Nós queremos só trabalhar. Porque acreditamos nisso aqui. Porque é o nosso País. Se não tiver direito dentro do que é nosso, onde é que nós vamos ter?

Maron trabalhava na agência do Bra-desco em Alta Floresta. Lá, viu crescer

as fortunas de garimpeiros como Ditão, Valdemar Brás, Wilson Show, e ficou fascinado com a possibilidade da riqueza fácil e rápida, impossível se continuasse trabalhando no banco.

— Depois, eu fui descobrir que a alegria do garimpeiro não é nem fazer fortuna. É achar o ouro. Tanto que você pode ver: quando um descobre ouro num garimpo novo faz questão de avisar os outros, pra todo mundo ficar sabendo que foi ele que achou. Aí vem a Polícia Federal e bota todo mundo prá fora...

*No meio das mormomias, a música preferida é a que canta a Serra*

As brincadeiras: você sabe qual é a diferença entre fazer um balaios e fazer um menino?

— E que o balaios a gente faz com pau mole. E o menino... o menino a gente faz pra carregar o balaios...

Na volta para o hotel, choupandas de pau a pique, modernas mansões. Sonhador dirige, Adão pega a viola:

Vim de longe, do Centro Amazônia/De uma terra famosa e gentil/Conheci a Grande São Paulo, que é o celeiro do nosso Brasil/

E, ao chegar numa pequena cidade do Interior do Pará/

Eu vi gente de todos os Estados/Com destino a Marabá/

E as pessoas falavam em ouro/Como se estivessem sonhando/Mas depois descobri a verdade/Vi o Cid Moreira falando/

Resplandece no solo terrestre/Deste nosso torrão brasileiro/

O nome da música, não poderia deixar de ser, é "Serra Pelada". A letra é de um outro garimpeiro, Mauro Gramacho da Silva, meia-praça no barranco 563. Mas Adão e Sonhador ainda não a decoraram inteira. Até a hora do show no circo, ainda há tempo.

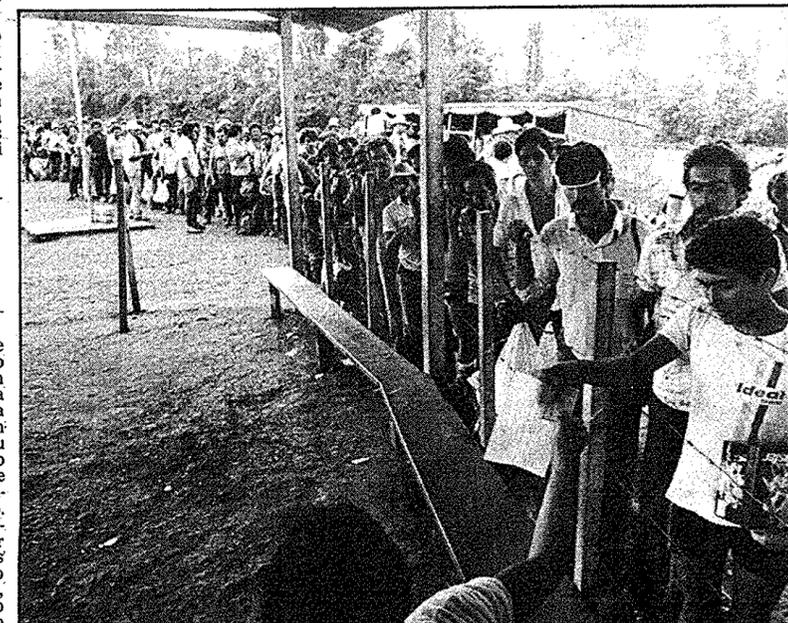
As arquibancadas do Circo Real Spadoni não chegam a lotar, mas o movimento nas ruas onde se concentram os bares e as boates de Marabá nada fica a dever, em mulheres e loucuras, às noites mais quentes do Baixo Leblon. Carros, bebidas e dinheiro correm alucinadamente por becos iluminados ou escuros, como se tudo fosse acabar amanhã de manhã para sempre.

É a grande e permanente festa do ninguém é de ninguém, as moças alegres se revezando no colo de bifeados e bamburrados, sem discutir preço, que isso aqui não é problema. O uisque pode ser qualquer marca de escocês, mas a música tem que ser sertaneja — de preferência, "Serra Pelada". Agora, Adão e Sonhador já aprenderam o resto da letra:

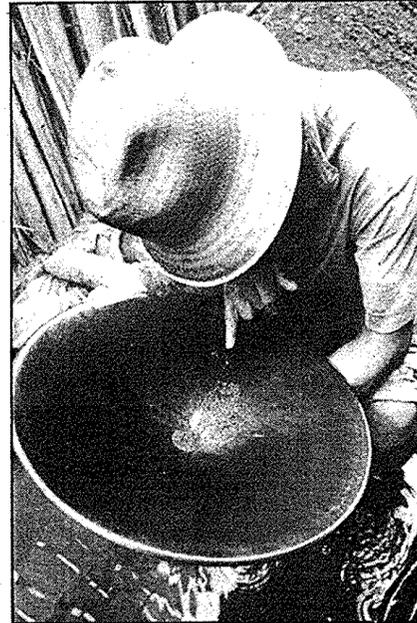
Os doutores deixando as canetas/Transformando-se em garimpeiros/Parabéns para você garimpeiro/Sofre tanto mas é muito feliz/

Porque o ouro de Serra Pelada/É a riqueza do nosso País.

Na noite agora amena, no quintal da casa da Nilda, capixaba bonita e cheia de mistérios, Gramacho, o autor da música, se empolga: "Serra Pelada é o mundo inteiro aberto para mim, minha vida, o futuro".



Diante da Polícia Federal, a longa fila e a revista para evitar a evasão do ouro



Não importa o resultado, esperança é achar mais ouro



## Serra Pelada

Amanhã, "Loucos dias de Marabá, pobre cidade rica", na sequência de reportagens sobre o maior garimpo do Brasil.